

A CORRESPONDÊNCIA E O DISCURSO DE SI: CONFISSÃO OU FICÇÃO?

*Luciana Paiva de Vilhena Leite*¹⁴

RESUMO

Este artigo pretende analisar algumas correspondências pessoais trocadas por autores da literatura e entre esses autores e locutores de sua esfera pessoal. Partimos do pressuposto de que a carta é um gênero que congrega uma série de estratégias discursivas entremeadas, tais como pedidos, declarações, narrações, ordenações, sem que isso interfira na sua macroestrutura discursiva constitutiva. Defendemos, ainda, que a carta pessoal apresenta um locutor que constitui um discurso de si ficcionalizado, ainda que se apresente em tom confessional. Esse pensamento costuma se afastar do que tradicionalmente se concebe para o discurso das cartas pessoais, já que essa materialidade discursiva costuma revelar-se em tom eminentemente confessional. Nesse sentido, o artigo busca justamente apontar o movimento pendular que o discurso das cartas pessoais parece ter, ora aproximando-se da confissão ora da ficção, em que, invariavelmente, o sujeito coloca-se discursivamente como objeto.

Palavras-chave: Correspondência. Discurso. Confissão. Ficção.

Os limites de minha linguagem
significam os limites de meu mundo.

(Wittgenstein)

¹⁴ Doutora em língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é professora adjunta de língua portuguesa da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: vilhena_lu@yahoo.com.br.

Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N^{os} 17-18. Niterói, 2014

Hoje encontrei dentro de um livro uma velha carta amarelecida,
Rasguei-a sem procurar ao menos saber de quem seria...
Eu tenho um medo
Horrível
A essas marés montantes do passado,
Com suas quilhas afundadas, com
Meus sucessivos cadáveres amarrados aos mastros e gáveas...
Ai de mim,
Ai de ti, ó velho mar profundo,
Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios!

(Mario Quintana)

1. Palavras iniciais

Tradicionalmente, a correspondência costuma ser definida como um gênero em que o locutor apresenta-se, supostamente, em situação monolocutiva, uma vez que ele é o responsável pelo ‘agenciamento’ dos turnos, propondo o tema, construindo o encaminhamento discursivo e revelando o posicionamento perante o discurso que produz. Contemporaneamente, entretanto, especialmente no esteio do pensamento bakhtiniano em que bebem também autores como Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (estes últimos filiados à corrente semiolinguística do discurso), as cartas são concebidas como gêneros discursivos em que o sujeito-locutor ‘projeta’ um sujeito-interlocutor de modo a construir seu discurso baseando-se nessa relação de cunho majoritariamente idealizado, especialmente quando se trata de cartas pessoais.

A ideia que gira em torno da ‘projeção dos sujeitos enunciadadores’ aparece em todo gênero de discurso, entretanto assumimos aqui que, na correspondência, como se conhece antecipadamente o interlocutor, a situação de projeção parece intensificar-se, o que, a princípio, poderia parecer contraditório. Se o interlocutor é conhecido, se eu sei quem ele é, por que projetá-lo, por que idealizá-lo? Uma das possíveis respostas a tais indagações pode ser dada quando pensamos que a carta, especialmente a pessoal, é uma ma-

terialidade discursiva em que o locutor procura, mesmo que inconscientemente, o tom confessional, o desabafo, a cumplicidade, uma vez que espera que somente o interlocutor saiba do que ele está falando, não havendo outros interlocutores com acesso ao seu conteúdo. Baseando-se nisso, o locutor das correspondências parece mostrar um vacilo, uma oscilação que parece enquadrar seu discurso entre a ficção e a confissão, já que, muitas vezes, ele mistura situações e comportamentos que flutuam entre o que de fato ocorreu e o que ele gostaria que ocorresse. O que rege essa flutuação é justamente o grau de intimidade, de aproximação entre o locutor e o interlocutor das cartas, pois, como se sabe, quanto maior a aproximação afetiva, maior o nível de expectativa no que se refere ao universo das relações interpessoais.

Esse pensamento, na realidade, não é novo e é constitutivo da condição humana, pois, a partir do momento em que somos dotados de linguagem – e não cabe aqui perscrutar os infundáveis caminhos teóricos que levam em conta o seu domínio e a sua aquisição – e produzimos discursos, estamos narrando, descrevendo, informando, pedindo, ordenando a partir de um ponto de vista, isto é, a partir do que somos ou do que pensamos ser, levando em conta a nossa experiência de “seres no mundo”.

O objetivo deste artigo é, portanto, ajustar o olhar para a correspondência pessoal de autores da literatura, que se correspondem entre si, passando também a cartas de autores que se dirigem a amigo(s), irmão(s), cônjuge(s), para apontar que esses sujeitos-autores se reinventam e constroem um discurso de si que se mostra ora confessional, ora ficcionalizado. Nesse sentido, interessa-nos, ainda, trazer à tona a ideia de que esses autores se afastam, muitas vezes, do *ethos*¹⁵ que constroem a partir de suas obras.

¹⁵ Optamos por usar, aqui, a noção de *ethos*, como mostra Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 220) no sentido de imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para

2. A correspondência e a ficção de si

A todo momento que operamos trocas verbais, estamos construindo “ficções” de nós mesmos. É importante ressaltar que não estamos tratando aqui da ficção de dimensão literária ou artística; falamos de uma “maneira” de narrar o que nos ocorre que perpassa necessariamente pelas nossas experiências e nos inaugura como autores de nós mesmos e a respeito de nós mesmos. Tudo se passa como se nos tornássemos um *alter ego* do nosso próprio eu. A respeito disso, o campo da psicanálise muito vem contribuindo desde os estudos de Freud sobre o inconsciente e a linguagem e a associação livre até o mais recente pensamento de Lacan, que reinterpreta o esquema do signo saussuriano.

A respeito das missivas, Ribas (2008, p. 31) nos diz que “não é por serem cartas que nos dizem ‘a verdade’, mas sim ‘verdades’”. Nesse sentido, ainda que autores consagrados da literatura saiam do campo da ficção literária, eles não escapam de construir uma espécie de “ficção de si”, especialmente quando se trata de cartas pessoais, objetos deste estudo. Ainda de acordo com Ribas (*op. cit.*, p. 31), “o afeto é a porosidade, a abertura que permitiria a alteridade, a presença do outro no discurso do mesmo”. Sendo assim, as cartas pessoais representam um terreno especialmente fecundo, quando pretendemos compreender que as relações discursivas partem de um campo que extrapola o autobiográfico e recaem no espaço da representação, da recriação e, como estamos adotando aqui, da ficção de si.

De maneira mais geral, quando se escreve uma carta, costuma-se entremear infindáveis estratégias discursivas, conforme os diferentes propósitos enunciativos. Desse modo, o locutor do discurso das missivas mescla estratégias segundo os objetivos de sua

exercer influência sobre seu alocutário. Trata-se, pois, de imagem de si que o orador produz em seu discurso e não de sua pessoa real.

enunciação, conforme pretenda argumentar, pedir, ordenar, narrar, descrever. A correspondência é, pois, um gênero que congrega diversos modos de organização do discurso¹⁶, pois sua estrutura macrotextual de certa forma rígida – em que aparecem o emissor e o receptor¹⁷, o assunto, o corpo textual e a assinatura do remetente – aceita diversos “modos de se dizer o que se diz”, inclusive com a possibilidade de misturá-los.

Nesse sentido, a correspondência íntima, pessoal, familiar parece apresentar um território mais propício a essa mescla de estratégias e de modos de organização discursiva, já que o locutor está, muitas vezes, diante de um “fluxo de consciência” regido, obviamente, pelo afeto que envolve a sua relação interpessoal com o destinatário “real” da carta. De acordo com Gomes (2004, p. 21),

A correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos – exteriores e interiores – dinâmica e inconclusa como cenas de filme ou de uma peça de teatro.

É justamente ao recuperar esse pensamento que percebemos, no discurso das cartas pessoais, um campo que pode coadunar ficção, narrativa de si, memória afetiva e episódica, confissões, entre outros modos de organização discursiva cuja perscrutação é, no mínimo, curiosa. É como se essa materialidade discursiva fosse – e talvez seja – o único “lugar” em que o pensar e o sentir se ajustem e se misturem sem problema algum, levando o locutor a um processo de desvelamento do eu, que opera do consciente ao inconsciente.

¹⁶ Usamos, neste artigo, a definição e Charaudeau (2008) para modos de organização do discurso, cuja noção liga-se ao conjunto de procedimentos de colocação em cena do ato de comunicação, que correspondem a algumas finalidades (descrever, narrar, argumentar etc.).

¹⁷ Utilizamos os termos “emissor” e “receptor” não nos moldes de Jakobson, mas para tentar dar conta da estrutura formal e espacial de diagramação da carta.

3. *Aporte teórico-metodológico*

Longo (2011) pensa a linguagem como um universo descontínuo em relação à realidade, não podendo ser uma entidade geradora de significados definitivos. Segundo esse pensamento, o sujeito que “produz” a linguagem é um efeito dela própria, uma reverberação, um precipitado na ordem do discurso, do qual não é mestre. Nesse sentido, segundo Lacan (*apud* LONGO, 2011, p. 09),

Enquanto é linguagem humana, nunca há univocidade do símbolo (...) a linguagem não é feita para designar coisas; há um logro estrutural da linguagem humana, neste logro está fundada a verificação de toda a verdade.

O logro estrutural da linguagem humana consistiria em sua “estrutura de rombo”, análoga à do sujeito que a criou. Desse modo, quando pensamos em línguas naturais, pensamos sempre em três elementos: o “eu” (o sujeito que fala), o “tu” (o sujeito a quem se dirige a fala, portanto o sujeito que ouve) e o “ele” (o sujeito ou o assunto de que se fala). Sobre esse aspecto, Benveniste (1995) muito tem a nos dizer no capítulo intitulado “O homem na língua: estrutura das relações de pessoa no verbo”, em que afirma que o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa. Mais adiante, no capítulo intitulado “Da subjetividade na linguagem”, Benveniste (*op. cit.*) ressalta que a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Segundo o autor, não se deve crer na imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. De acordo com Benveniste (1995, p. 285), essa ideia é, pois, pura ficção, já que

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.

Sendo assim, o homem vai se constituindo como sujeito e vai constituindo o seu mundo na linguagem e a partir da linguagem. De acordo com essa noção trazida por Benveniste, o homem busca explicar, criar ou “reinventar” o mundo a partir das categorias da língua. Dessa forma, podemos rediscutir e até relativizar a concepção segundo a qual a linguagem serviria (apenas) para propósitos comunicativos. Segundo o que estamos defendendo aqui, ela serve a muitos outros propósitos anteriores a esse, que giram muitas vezes em torno da própria identidade do sujeito no mundo.

Corroborando esses pressupostos, Noam Chomsky (2014, p. 27), em entrevista a James McGilvray, cujos textos estão reunidos no livro recém-lançado “A ciência da linguagem”, nos diz que a linguagem não tem “a função externa” da comunicação, mas, antes, oferece-nos a “função interna” do pensamento. Essa concepção, conhecida como “mentalista” revolucionou os estudos da linguagem pós década de 70, quando o estruturalismo ainda era vigente como corrente de pensamento. Dessa forma, de acordo com Chomsky (*op. cit.*, p. 27),

A maior parte da linguagem em uso é de natureza interna; o que é externo é uma pequena fração dela “e o que se usa para a comunicação é, em um sentido muito importante, uma fração ainda menor dela”. Como as funções da linguagem são usualmente definidas de modo informal, não faz muito sentido dizer que a função da linguagem é a comunicação.

Assim sendo, de alguma maneira, o linguista defende a ideia de que o homem usa a linguagem muito mais para o conhecimento de si do que para a “real troca efetiva” com outro homem, uma vez que o próprio aspecto interacional se dá de modo a fornecer meios para conhecimento como sujeito.

Charaudeau (2008), usando ponto de partida diferente, mas não antagonico, já que está concentrado em “fundar” uma proposta semiolinguística do discurso e, de alguma maneira, retomando as proposições de Benveniste (*op. cit.*), propõe a linguagem como

ideia de dispositivo enunciativo de que fazem parte ao menos 4 sujeitos: o Eu-comunicante; o Eu-enunciador; o Tu-comunicante e o Tu-destinatário. Essa concepção, longe de considerar a linguagem e o discurso como meros instrumentos para a comunicação entre os interlocutores, lança mão do que o autor entende por “circuito interno” e que a nós cabe, aqui, chamar de “circuito das projeções”. Assim, temos um sujeito social, real, empírico – o Eu-comunicante (circuito externo), que projeta seu próprio “eu discursivo” – o Eu-enunciador, de acordo com a antecipação de um Tu-comunicante (circuito externo), que, por sua vez, representa, no campo interno do discurso, o Tu-destinatário. Em outras palavras, tudo o que se passa na linguagem, na enunciação e no discurso nada mais é do que uma “projeção” daquele sujeito-locutor. Ainda de acordo com Charaudeau (*op. cit.*), o ato de linguagem deve ser visto como um encontro dialético, encontro esse que fundamenta a atividade metalinguística de elucidação dos sujeitos da linguagem entre os processos de criação e de interpretação. Ressalte-se, portanto, que por “interpretação” entendemos a decodificação de um discurso e, por isso, instaura-se como um processo que o autor chama de “circuito interno”, ainda que influenciada pelo chamado circuito externo.

Não poderíamos deixar de mencionar a importância dos estudos de Bakhtin (2006), que inauguraram uma nova concepção ao campo dos estudos da linguagem. Ainda que seu pensamento tenha inicialmente se desenvolvido no final da década de 20 e, portanto, anterior a Benveniste, Chomsky e Charaudeau – já citados neste capítulo, Bakhtin instaura a concepção que relaciona linguagem à dimensão ideológica e, por mais que essa noção pareça afastar-se do que estamos tratando aqui, entendemos que se trata de uma reinterpretação da concepção saussuriana de signo. Em outros termos, para Bakhtin (2006, p. 32), “ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos signos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos”. E acrescenta:

Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N^{os} 17-18. Niterói, 2014

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica. (BAKHTIN, 2006, p. 32)

Dessa forma, podemos conceber que, embora a apreensão do signo seja constituída no “real”, no social e, segundo o estudioso, no ideológico, o sujeito se apropria dele, recriando-o conforme sua concepção de sentido. Em outros termos, o signo passa a ser “objeto” de valor simbólico e constitutivo de crenças por parte do sujeito-locutor, de modo que a própria “cadeia ideológica” se estenda de consciência individual a consciência individual, ligando uma à outra.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003) leva em conta aspectos da experiência, quando fala da criação de personagens. Como aqui nos cabe entender a correspondência como um espaço para a ficcionalização do sujeito discursivo, torna-se pertinente trazer à tona os dizeres do autor, que passamos a citar:

(...) a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido. Até agora estudamos as condições em que o espaço e o tempo do homem e da sua vida se tornam esteticamente significativos; mas também ganha significação estética a diretriz semântica da personagem na existência, a posição interior que ela ocupa no acontecimento único e singular da existência. (BAKHTIN, 2003, p. 127)

Para fechar este breve esforço teórico, retomemos, pois, a relação entre linguagem e psicanálise, brevemente apontada no início deste capítulo, e que assume importância singular para este estudo. De fato, a linguagem e a psicanálise são domínios tão contíguos que não é tarefa fácil estabelecer um limite entre os dois campos. Importa-nos ressaltar que entre o sujeito que fala e o seu ouvinte existe um anteparo, uma proteção, uma espécie de muralha que se ergue, mesmo quando há silêncio. Essa é a muralha da linguagem, se quisermos insistir na alegoria.

A contribuição da psicanálise aos estudos da linguagem leva em conta os fenômenos simbólicos que, ao serem instaurados, a partir da linguagem, são fundamentais à vida do espírito e estão relacionados ao inconsciente – importantíssima revelação de Freud. De acordo com o psicanalista,

No inconsciente, tudo é possível, não existe contradição, é tautológico, não há diferença entre verdadeiro e falso; o inconsciente conserva [então] o termo que exclui, é autorreferencial e irrompe nas formações (...) que aparecem no consciente (atos falhos, chistes, sonhos e sintomas). (FREUD, 1986, p. 25)

Como podemos notar, quando se trata do universo simbólico, da criação, o inconsciente pode se fazer presente como aparato justamente para o fluxo criativo. Nesse sentido, entendemos a ação de narrar, de narrar-se ou de construir uma ficção em torno de si um processo eminentemente criativo e constitutivo da atividade humana de produção de discursos.

Cabe, então, para encerrarmos o capítulo, entender a contribuição de Lacan aos estudos da linguagem. Ainda que Freud tenha trazido o importantíssimo conceito de “inconsciente”, foi Lacan quem ressignificou a concepção freudiana desse domínio, aliando-a a uma reinterpretação também do signo saussuriano. Afirmando que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Lacan (1986, p. 30) dá um passo a mais em direção à perscrutação em torno do signo linguístico, especialmente no que se refere à noção de “significante”.

Reinterpretando a noção saussuriana de signo linguístico, Lacan desconstrói a elipse em que figuram o significante na parte inferior e o significado na parte superior. Assim, para Lacan, há uma quebra na barreira da elipse – obviamente figurativa – em que o significante passa a ocupar a posição superior. Segundo o autor, o significante é preponderante na fala do locutor que, sem conseguir entender o que fala, aliena-se do sentido daquilo que diz. Por isso, ele torna mais grossa a barra que separa o significante e o

significado, de modo a torná-la mais resistente. Em suma, para Lacan, o significado só pode ser atingido por meio da ação imprevisível das formações do inconsciente. Em última instância, para o teórico, nós desperdiçamos palavras simplesmente porque essa é a nossa condição de falantes.

Podemos entender, a partir do exposto, que é, necessariamente, quando se trata do universo dos sentidos, do sentir e dos afetos, que as palavras se tornam insuficientes para dar conta da complexidade do humano. Nesses termos, quando ajustamos o olhar para a correspondência pessoal, notamos, invariavelmente, uma vocação volitiva por parte do autor por dizer o “indizível”, o “inconfessável” ou, ainda, uma vocação para o “narrar-se”. E, ao fazê-lo, ele se enxerga ao mesmo tempo como sujeito e como objeto do discurso em um *continuum*, ancorado pelas relações afetivas privadas. É o que tentaremos mostrar na seção a seguir.

4. A autoria de si: as cartas e seus sujeitos-autores

Para iniciar a análise dos excertos das correspondências selecionadas, é necessário ressaltar que optamos por trazer à tona as cartas trocadas entre autores da literatura brasileira, como Fernando Sabino e Clarice Lispector, mas também as trocadas entre esta e suas irmãs, na esfera domiciliar, porque entendemos que os sujeitos se colocam “afetivos” ao serem próximos, amigos e, muitas vezes, confidentes. Há, ainda, no pequeno *corpus* selecionado, fragmentos de correspondências trocadas entre Machado de Assis e seus colegas acadêmicos. Optamos, também, por trazer excertos de missivas trocadas entre Fernando Pessoa e sua namorada Ofélia Queiroz. Como se pode notar, a amostra é um tanto heterogênea, mas se homogeneiza porque privilegiamos três aspectos fundamentais ao compô-la: 1) o fato de tratar-se de autores conhecidos e consagrados, portanto, reconhecidos por um público-leitor consolidado; 2) o fato de os sujeitos locutor e interlocutor serem íntimos

em alguma medida, já que se trata de cartas pessoais e 3) o fato de os fragmentos terem sido extraídos de correspondências reunidas e publicadas em livro ou publicação, o que já leva em conta o seu valor de documento memorialístico, justamente por sua disponibilização para domínio público.

Levando em consideração tais fatores – e considerando que um recorte é sempre a possibilidade de se enxergar fendas e frestas de natureza diversa –, passemos à análise dos trechos selecionados:

- (01) (...) vou-me embora e não volto mais, estou triste e com pena de vocês aí tão longe, viajar é muito ruim. Ainda é tempo de não ir, não tomar o avião, dizer que esqueci o principal, e o principal é ficar, ir para casa, ler um livro, conversar, dormir e esquecer.

[...]

E o meu, qualquer notícia que você receber de mim por intermédio dos jornais já tem um título inevitável e é justamente, em letras grandes: ‘O INEVITÁVEL ACONTECEU’. Assim somos nós no Rio de Janeiro, gripados todos, complicados e sentimentais, aguardando o sinal dos tempos.

Correspondência de Fernando Sabino a Clarice Lispector.
06 de maio de 1946. (SABINO, 2003, p. 13)

Podemos observar, no fragmento, um sujeito-locutor vacilante, tristonho, em tom melancólico, o que resvala no tom confessional de seu estado de alma. Resvala, porém também se recria, se reinventa quando ele narra a respeito de si em uma temporalidade futura, dando conta do acontecimento “inevitável”. Observamos, pois, que o locutor se coloca fatidicamente na condição de objeto a partir do qual “se enxerga” e “narra a respeito de si”, não havendo, necessariamente, fidedignidade com a “vida vivida” pelo sujeito “real” e empírico Fernando, especialmente na 2ª parte do excerto: “assim somos nós no Rio de Janeiro, gripados todos, complicados e sentimentais, aguardando o sinal dos tempos (...)”.

- (02) Por que é que todo mundo quer sair do Brasil? E você é espírita é, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? (...) Ou já falamos sobre isso? Às três horas da tarde

Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N^{os} 17-18. Niterói, 2014

sou a mulher mais exigente do mundo (...) Se o telefone tocar dou um pulo e se me “convidam” eu pareço criança ou cachorrinho, saio correndo e enquanto corro, digo: estou perdendo minha tarde.

Correspondência de Clarice Lispector a Fernando Sabino.
19 de junho de 1946. (SABINO, 2003, p. 20)

Esse trecho revela um locutor que se instaura em tom bem humorado – “*E você é espírita, Fernando?*” –, mas também irônico, quando diz “*às três da tarde sou a mulher mais exigente do mundo*”. Longe de querer revelar-se como “realmente é” (e haveria essa possibilidade?), o discurso epistolar de Clarice parece nos convidar a desnudar sua(s) persona(s) entediada(s) com o cotidiano, mas, ao mesmo tempo, enredada(s) por ele.

- (03) Sem carta para responder, escrevo para dizer que estou bem, sem novidades. Fui de novo ao médico; ele disse que estou bem e que a criança deve nascer lá para meados de setembro. De modo que vocês não se impacientem com a demora [...] E Márcia? Como está essa querida? Estou com a impressão de que vou ter menina também (...)

Correspondência de Clarice Lispector a sua irmã, Berna.¹⁸
19 de junho de 1946. (LISPECTOR, 2007, p. 17)

O tom que aparece no excerto (03) é o de um sujeito de suposta “neutralidade” em relação aos acontecimentos em torno de si, como se a sua própria vida fosse desinteressante ou desimportante. No trecho, Clarice deixa claro que está grávida, mas parece não se envolver emocionalmente com esse fato. Ao contrário, parece distanciar-se, criando um espaço de deslocamento do próprio “eu”, a respeito de quem passa a narrar. Observamos, entretanto, que o locutor muda o tom quando lança mão de curiosidade acerca de um interlocutor que não é ele próprio: “*E Márcia? Como está essa querida?*”, sugerindo maior envolvimento quando não se trata da sua própria vida.

¹⁸ Nesta carta, Clarice usa o vocativo “Berna”, mas, como se sabe, suas duas irmãs – cm quem trocava correspondências – chamavam-se Tania Kaufmann e Elisa Lispector.

Em outra carta, dirigida à mesma “Berna” (excerto 04), Clarice já se constitui como um sujeito mais instável e supostamente fragilizado, como se pode verificar em “(...) mas eu sou feita de tão pouca coisa e meu equilíbrio é tão frágil que eu preciso de um excesso de segurança para me sentir mais ou menos segura”. Na verdade, o tom do discurso pode parecer confessional, mas pode também sugerir uma ficcionalização que o locutor constrói de si mesmo, como uma espécie de tentativa de crença no que estava, de fato, afirmando. Veja-se o trecho:

- (04) (...) mas eu sou feita de tão pouca coisa e meu equilíbrio é tão frágil que eu preciso de um excesso de segurança para me sentir mais ou menos segura.

Mas eu te digo; eu nasci para não me submeter (...) Talvez minha forma de amor seja nunca amar senão as pessoas de quem eu nada queira esperar e ser amada (...)

Correspondência de Clarice Lispector a sua irmã, Berna.
8 de julho de 1944. (LISPECTOR, 2007, p. 15)

Como podemos notar, o sujeito discursivo parece querer dar voz a um (possível) inconsciente que vem à tona no momento de enunciação da escritura da carta, já que o seu tom parece confessional, como se estivesse, de fato, em uma sessão de análise, por exemplo.

- (05) Mal tenho tempo de agradecer-te muito do coração o belo artigo que escreveste (...), a propósito das Americanas. Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida (...)

Correspondência de Machado de Assis a Salvador de Mendonça.
13 de novembro de 1876. (RIBAS, 2008, p. 57)

- (06) (...) com as minhas saudações, [despeço-me] e mande-me em troca alguns versos e se houve e, se não, a sua boa pessoa epistolar, que é a própria pessoa do autor. Adeus ...

Correspondência de Machado de Assis a Magalhães de Azeredo.
11 de janeiro de 1880. (RIBAS, 2008, p. 57)

Os excertos (05) e (06) trazem o sujeito escrevente Machado de Assis em correspondência a seus colegas acadêmicos. Como

se pode observar, em (05), o locutor deliberadamente deixa claro que ele e seu alocutário participam do mesmo universo sociocultural: o da Academia, fazendo questão de enaltecer as qualidades literárias do seu destinatário (o que revela certa vaidade envolvendo as suas relações afetivas). Esse procedimento também aparece no fragmento (06), em que, arditamente, constrói-se a ideia em torno da qual a pessoa do escrevente e a pessoa do autor coincidem: “a sua boa pessoa epistolar, que é a própria pessoa do autor”. Fica patente, então, uma ideia de construção de si como pertencente não só à Academia, mas também a tudo o que se circunscreve em torno dela.

(07) por minha parte, passei todo este tempo sem lhe escrever mais, porque estive bastante doente (...)

[...]

[o médico] acabou por impor-me absoluto repouso intelectual e grande exercício físico. Eu sujeitei-me sem resistência, porque compreendi afinal quanto a saúde é necessária para realizar *o meu plano de vida*. (Grifos nossos)

Correspondência de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis.
02 de março de 1895. (RIBAS, 2008, p. 58)

Nesse excerto de Magalhães de Azeredo a Machado de Assis, percebemos o quão o padecer físico é digno de descrição, por vezes até pomenorizada, instaurando uma espécie de “pacto” entre os locutores enfermos e, em alguma medida, sanando-lhes a carência afetiva. Além disso, no trecho final selecionado, o locutor declara propositadamente que tem um “plano de vida”, que é o de escrever, o de ser escritor, ainda que isso seja depreendido apenas implicitamente. Nesse sentido, esse é um fragmento que atesta claramente a ideia de ficção de si, na medida em que o locutor coloca em palavras uma narrativa (um plano ou a intenção de construí-lo), que o posiciona como “personagem” de sua própria vida, vida esta que pode (e deve) ser construída por ele mesmo.

Os excertos (08) e (09) trazem fragmentos de correspondência trocada entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, compilados recentemente no livro organizado por Richard Zenith e intitulado “Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: correspondência amorosa completa (1919-1935)”.

- (08) Meu bebezinho lindo: não imaginas a graça que te achei hoje à janela da casa de tua irmã! Ainda bem que estavas alegre e que mostraste prazer em me ver. Tenho estado muito triste e, além disso, muito cansado – triste não só por te não poder ver, como também pelas complicações que outras pessoas têm interposto no nosso caminho (...).

(Correspondência de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz.
27 de abril de 1920. (ZENITH, 2013, p. 99)

- (09) Meu Nininho adorado: venho escrever ao meu amor para ralar muito com ele, pois que não recebi hoje a cartinha dele. Porque não escreveste amorzinho? Não esqueças o teu bebezinho não meu filhinho?

[...]

Eu gostei tanto de te ver! Foste hoje mais lindo do que nunca, porque disseste adeus ao teu bebezinho quando te foste embora. Amanhã espero-te ao meio-dia à janela para ver o meu lindo amorzinho, e dá sempre a volta ao Largo como costumavas sim meu Nininho?

Correspondência de Ofélia Queiroz a Fernando Pessoa.
30 de abril de 1920. (ZENITH, 2013, p. 103)

Nesses fragmentos, fica patente a ideia de construção de um discurso de si que gira em torno dos afetos mais pueris, embora se trate de correspondência amorosa, pois é fato que a condição de ser amado muitas vezes pode se ligar a uma simbologia do mundo infantil, o que notadamente acontece no discurso e no trato cotidiano de muitos casais. A infantilização no tratamento usado entre Ofélia e Fernando instaura, então, um discurso em que o amor recupera sua condição romântica, “pura”, transcendental e idealizada, embora os dois possam (e devam) ter tido experiência de amor físico. Esse procedimento revela, de certa forma, a fragilidade emocional dos sujeitos envolvidos, distanciando-se, por exemplo,

do *ethos* construído na obra poética de Fernando Pessoa. Trata-se, pois, de um universo discursivo-referencial que só vem à tona porque os locutores se constituem – também ficcionalmente – como sujeitos-amantes no sentido de sujeitos que amam.

5. *Considerações finais*

O presente artigo pretendeu analisar algumas correspondências pessoais trocadas por autores da literatura entre si ou entre esses autores e locutores de sua esfera afetiva particular. Partimos do pressuposto de que a correspondência é um gênero capaz de coadunar uma série de estratégias discursivas entremeadas quando o locutor busca pedir, declarar, narrar, ordenar, entre outras intenções, uma vez que esse gênero pode incorporar – por vezes simultaneamente – vários modos de organização do discurso, sem que isso interfira na sua macroestrutura discursiva constitutiva. Além disso, defendemos a ideia de que o locutor do discurso epistolar na espera pessoal – e isso independe do fato de ser ele um escritor ou artista renomado – constrói um discurso de si, muitas vezes, ficcionalizado, ainda que, outras vezes, oscile para o tom intimista. Esse pensamento, em alguma medida, se afastaria do que se concebe como discurso de missivas, que, tradicionalmente, costumam ser vistas como uma textualidade eminentemente confessional. Foi justamente tentando observar esse movimento pendular que o presente trabalho se constituiu.

Os fragmentos selecionados para análise foram todos retirados de compilações reunidas em livros já publicados no Brasil, constituindo, assim, uma espécie de “memória epistolar” e possibilitando uma infinidade de análises em um *corpus* tão rico e vasto, cuja materialidade discursiva se prestaria, então, para diversos fins.

O que observamos, na análise empreendida, corroborou, na maioria dos casos, a hipótese inicial de que a carta pessoal é a materialidade discursiva em que o locutor constrói uma imagem de si, muitas vezes, baseado, no “fluxo de consciência”, motivado justamente pela aproximação afetiva e pela identificação que parece apresentar com seu alocutário. Nesse sentido, o estudo buscou recuperar, de alguma maneira, as concepções lacanianas de que o sentido, nas trocas verbais, frequentemente é obtuso e pautado, também, em um significado (nos termos saussurianos) difuso. Sendo assim, focando nossa análise nas contribuições que a psicanálise vem trazendo aos estudos da linguagem, buscamos aproximar o jogo discursivo das cartas pessoais, entendendo-as como o “lugar” em que o sujeito, ao falar de si, o faz ficticiamente, criando uma narrativa em que ele, como sujeito, invariavelmente se enxerga ou se coloca deliberadamente como objeto. É justamente essa alternância que defendemos aqui ser constitutiva do discurso da correspondência privada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Huscitec, 2006.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours – Eléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris: Hachette-Université, 1983.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHOMSKY, Noam. A ciência da linguagem: conversas com James McGilvray. Trad.: Gabriel de Ávila Othero, Luisandro Mendes Souza e Sérgio de Moura Menuzzi. São Paulo: Unesp, 2014.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LACAN, Jacques. *Seminários*. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7letras, 2008.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração: dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.

ZENITH, Richard. (Org.). *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz: correspondência amorosa completa – 1919-1935*. Rio de Janeiro: Capivara, 2013.